

GÊNERO E EDUCAÇÃO – Um Diálogo Necessário

Pensar, discutir, escrever sobre as relações de gênero e a educação é uma tarefa urgentíssima. Se entendemos que é necessário modificar a cultura em relação ao que pensamos sobre os papéis sociais dos homens e das mulheres no Ocidente, dois lugares de mudança de mentalidades são fundamentais: o lar, no qual meninos e meninas recebem as primeiras noções do que é ser homem e o que é ser mulher e o papel que cabe a cada um na sociedade, e a escola, em que as questões de gênero são muito mais profundas.

Se estas duas instituições são lugares privilegiados de mudança, são também lugares historicamente responsáveis pela manutenção e reprodução da desigualdade entre os gêneros. O consentimento feminino aparece como fundamental na instituição dos lugares sociais destinados a cada sexo. De outra forma como explicar que meninos e meninas sejam educados em seus primeiros anos por mulheres – mães, avós ou cuidadoras de creches – e logo depois no Ensino Fundamental, o mais das vezes professoras, e mesmo assim continuem tão preconceituosos em relação à capacidade criativa feminina, exceto no que se refere à maternidade?

É dentro da família e dentro da escola que serão formados homens e mulheres igualitários. A escola, apesar de seus problemas e dificuldades, é o lugar primordial para esta mudança.

Trabalhar com relações de gênero nos permite entender as relações sociais de uma maneira mais ampla e generosa, incorporando os sujeitos masculinos e femininos na história, mas também nos remete a encarar a história como uma construção humana, um relato carregado de relações de poder em que o feminino foi secularmente subjugado e desvalorizado.

No campo da educação a problemática de gênero não se reduz às questões de acesso ao ensino e ao desempenho escolar. A história das desigualdade entre os sexos, marcada pelos discursos

que foram considerados verdadeiros mediante relações de saber e poder, sempre foi aceita sem indagações pela escola, lugar por excelência da marcação sexual. É também na escola, contudo, que poderá ser construída a equidade de gênero e relações sociais mais igualitárias.

Desde 1975, quando a ONU instituiu o Ano Internacional da Mulher e a década dedicada à superação das desigualdades entre os gêneros no mundo, muitas ações têm se voltado na tentativa de contribuir para a extinção dessa desigualdade que tem a violência como uma de suas formas mais radicais. No mundo inteiro políticas públicas e iniciativas privadas tentam a promoção da igualdade de direitos e equidade de gênero.

Na educação o “Tema Transversal Orientação Sexual” dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é uma iniciativa louvável que tenta introduzir no Ensino Fundamental a discussão das relações de gênero. De nada adianta, porém, se, como afirma Michel Foucault, nós não nos modificarmos, não pensarmos diferente do que pensávamos.

Ao dedicar um número da revista *Contexto & Educação* às relações de gênero e às relações entre gênero e as ciências, o Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí, ao qual a revista está alocada, demonstra a preocupação com a desigualdade de sexo e gênero e com a desvalorização das representações do feminino e a crença de que a escola é um lugar de mudanças onde pode se iniciar uma nova cultura de respeito entre homens e mulheres.

Com certeza necessitaríamos de diversos números para dar conta das mais diversas áreas do saber debruçadas em pensar e escrever sobre as contribuições que sua disciplina poderia oferecer na efetivação de relações mais igualitárias entre os dois sexos, reconhecendo a importância da educação e da escola para a formação de identidades e relações de gênero equânimes.

O professor Attico Chassot, químico por formação, mas educador em Pós-Graduação, autor da obra chamada *A Ciência é Masculina*, discute em seu texto as três matrizes discursivas que nos fizeram assim. Argumentando que a ciência não é uma ilha, seu texto quer contribuir para o debate da superação da desigualdade de gênero.

Ana Maria Colling mostra em seu texto que a História não deixou espaço para as mulheres. Mulheres e homens são somente efeitos de práticas discursivas e práticas não discursivas. Como agora consertar o discurso da História feito somente pelo masculino?

Losandro Tedeschi discute a cidadania e as relações de gênero no campo, após a conquista de direitos sociais pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Afirma o autor, no texto, que a subordinação do feminino está incrustado na cultura e que o trabalho agrícola feminino continua sendo considerado um apêndice.

Laura Catelli, estudiosa das relações de gênero na Contra-Reforma, analisa obra da escritora espanhola do século XVII, María de Zayas y Sotomayor, em que a violência contra a mulher já aparece de forma privilegiada.

Cristiana Callai de Souza, pedagoga, no rastro da escola sexuada, da escola constituidora de relações desiguais entre os gêneros, utiliza a etnografia infantil como estratégia metodológica. Apresenta-nos as brincadeiras infantis na escola que acabam determinando os lugares dos sujeitos na sociedade.

O médico Jorge Luiz Montardo apresenta o resultado de uma pesquisa sua como coordenador do Centro de Atendimento aos Adolescentes do Município de Ijuí (Caami) junto a jovens grávidas. Deparamo-nos com um resultado diferente do que pensávamos até então. Segundo o autor da pesquisa, estão voltando os tempos de casar cedo e ter filhos cedo, como antigamente.

Leila Bijos analisa a violência de gênero, caso de calamidade pública no Brasil, no interior do domicílio”, onde a impunidade grassa. Segundo a autora, a construção da pessoa moderna passa pela análise da vida privada, da sexualidade e da violência de gênero.

Deise Juliana Francisco, Mabel Cristina Dal Toé e Taís Fim Alberti relatam o acompanhamento do percurso de quatro professoras que atuam no Núcleo de Tecnologia Educacional de Santo Ângelo e que têm como função introduzir o uso de computadores na educação em escolas da região.

Contexto & Educação inaugura neste número a seção Resenhas. Obras importantes poderão ser comentadas e criticadas. Em *Gênero e educação, um diálogo necessário*, Silvia Natália de Mello apresenta o novo livro de Michelle Perrot no Brasil – “*As Mulheres ou os Silêncios da História*”.

Ana Maria Colling

Editora

ANO 19

JAN./DEZ.

2004